



IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

— CADERNO DE PROVA —

Este **Caderno de Prova** deve conter um conjunto de páginas numeradas sequencialmente, contendo 30 questões de **Análise Verbal** e duas propostas de redação para a avaliação de **Comunicação Escrita**. Você está recebendo também um **Cartão de Respostas**, no qual deverá marcar as alternativas que escolher para as questões.

Você receberá as folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas. Lembre-se de que você deve reservar tempo suficiente para transcrever as suas redações.

Verifique se:

- este caderno está **completo**, com todas questões de 1 a 30;
- o Cartão de Respostas que você recebeu está devidamente identificado com o **seu nome**;
- o **modelo de prova** indicado acima corresponde ao modelo indicado no Cartão de Respostas.

Instruções:

- Leia atentamente cada questão e assinale, no **Cartão de Respostas**, a alternativa que mais adequadamente a resposta. Cada questão tem uma única alternativa correta.
- Assine no espaço indicado no **Cartão de Respostas**.
- O **Cartão de Respostas** não pode ser rasgado, dobrado, amassado ou rasurado, nem conter qualquer registro fora dos locais destinados às respostas.
- Destaque **cuidadosamente** o **Cartão de Respostas** do caderno de prova, utilizando a serrilha indicada. Lembre-se de que o **Cartão de Respostas** não será substituído em hipótese alguma.
- Use lápis 2B ou caneta com tinta preta ou azul.
- Em hipótese alguma utilize caneta com tinta vermelha, laranja ou roxa.
- Marque apenas uma opção por questão.
- O computador não registrará marcação de resposta onde houver falta de nitidez ou mais de uma alternativa assinalada em uma mesma questão.
- Se houver necessidade de apagar a resposta, faça com o máximo de cautela, evitando deixar sombras.
- Não é permitido destacar qualquer folha deste caderno, com exceção do Cartão de Respostas.
- Se você precisar de algum esclarecimento, solicite-o ao **Monitor**.
- Você dispõe de **quatro horas** para fazer esta prova, **incluindo o tempo para transcrever suas redações**.

BOA PROVA!

Coordenação Executiva de Processos Seletivos

Texto para a questão 01**Sotaque carioca**

Quando esteve aqui pela primeira vez, no início dos anos 1960, (...) o escritor cubano Guillermo Cabrera Infante se encantou com o sotaque carioca – sobretudo com o das cariocas. Pareceu-lhe semelhante demais ao de Havana.

Delírio auditivo de Cabrera Infante, que se orgulhava de ter conseguido, no romance "Três Tristes Tigres", transpor o enunciado oral havanês para o registro escrito? Não. Desde que lá também se faça chiar o S, traço mais marcante no falar do Rio. Nosso famoso chiado teria sido introduzido pela corte de dom João 6º. Já por volta de 1860, baianos podiam distinguir a fala "bastante aportuneguesa" do sotaque carioca, que, com o tempo, incorporou elementos africanos – daí a conexão com Havana.

Sotaque, seja daqui ou de alhures, é natural. Pode-se ter orgulho dele, invejar ou fazer chacota. E pode-se – caso dos jogadores de futebol que vão para o exterior – perdê-lo para sempre. O estranho é virar "patrimônio cultural de natureza imaterial", como na lei agora aprovada na Câmara Municipal, que ainda depende da sanção do prefeito. (...)

A rigor, falar como carioca não quer dizer nada além do óbvio. O que interessa é o que falamos e como agimos.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/alvaro-costa-e-silva/2015/07/1651992-sotaque-carioca.shtml>. Acesso em 16/04/2016.

■QUESTÃO 01

Toda língua apresenta uma sonoridade própria, uma certa musicalidade que a distingue e a torna reconhecida mesmo por quem não a fala. Em relação ao sotaque carioca, o cronista defende que

- (a) o tratamento diferenciado é desnecessário, já que a ocorrência de sotaques é inerente a qualquer idioma.
- (b) a semelhança com o sotaque cubano remonta ao processo de colonização portuguesa.
- (c) o marcante chiado produzido pelo S confere charme inigualável à língua portuguesa.
- (d) a impossibilidade de mimetizar os traços da oralidade torna inútil a lei aprovada pelos vereadores.
- (e) a pronúncia peculiar dos moradores do Rio de Janeiro é motivo de orgulho para turistas cubanos que visitam o Brasil.

Texto para a questão 02

*Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!*

GUIMARAENS, A. "Soneto do Aroma". Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/guimaraens.htm>>. Acesso em 16/04/2016.

■QUESTÃO 02

Na poesia simbolista, a emoção estética é despertada a partir de uma linguagem que sintetiza múltiplas sensações. Para atingir esse propósito, Alphonsus de Guimaraens, nos versos acima, recorre ao emprego da

- (a) sinestesia.
- (b) aliteração.
- (c) perífrase.
- (d) personificação.
- (e) hipérbole.

Texto para a questão 03**Crise errada irrita Caetano**

Uma crise fora do lugar certo rendeu uma bronca de Caetano Veloso na sua equipe de produção, responsável pelas suas publicações nas redes sociais. O erro idiota, segundo Caetano, surgiu na legenda de uma foto do cantor e de Milton Nascimento publicada em 11 de junho. A expressão "Homenagem a Bituca", apelido de Milton Nascimento, trazia o sinal de crise em cima da preposição. Errado, diz Caetano que, em tom professoral, dá uma aula sobre o tema, em vídeo divulgado pela sua própria produção. A equipe admite a "falta grave", pede desculpas ao "chefe" e promete visitar a gramática do português.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/crise-fora-do-lugar-enfurece-caetano-confira-a-aula>. Acesso em 23/06/2015

■QUESTÃO 03

A respeito do episódio relatado, é correto afirmar que a irritação do músico se justifica, porque a inclusão do acento grave na expressão "Homenagem a Bituca"

- (a) apresenta conotação de caráter malicioso.
- (b) desqualifica a reputação do homenageado.
- (c) reitera a deferência ao cantor homenageado.
- (d) altera a identificação do real homenageado.
- (e) impede a decodificação da mensagem.

Texto para a questão 04



Folha de S. Paulo, 22/01/2013

■QUESTÃO 04

A expressividade da tirinha de Adão Iturrusgarai é gerada pela presença do(a)

- (a) deslizamento de sentido do verbo “escrever”, que ironiza um gênero literário.
- (b) uso de referências intertextuais que promovem a construção da visão crítica.
- (c) combinação de elementos gráficos e verbais que exploram a função fática de linguagem.
- (d) jogo poético que sugere a dificuldade do processo de criação literária.
- (e) emprego de sentenças proverbiais que satirizam ensinamentos morais.

Texto para a questão 05

I ADAGIO CANTABILE

MARIA REGINA acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre elas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete anos, Maciel — outro de cinquenta, Miranda. Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados dela, ela não o está menos de ambos. Uma esquisita, em suma; ou, para falar como as suas amigas de colégio, uma desmiolada. Ninguém lhe nega coração excelente e claro espírito; mas a imaginação é que é o mal, uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade, sobrepondo às cousas da vida outras de si mesma; daí curiosidades irremediáveis.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

■QUESTÃO 05

O excerto acima é a abertura do conto “Trio em lá menor”, no qual se podem identificar, através da descrição do perfil da protagonista, traços marcantes da obra machadiana, como a/o

- (a) ênfase na crítica corrosiva aos interesses fúteis da elite brasileira.
- (b) tom confessional do narrador que explicita a ficcionalidade da trama.
- (c) ruptura da linearidade narrativa com inserções de caráter reflexivo.
- (d) visão materialista de mundo, a qual despreza dramas existenciais.
- (e) presença de imagens plásticas que desnudam a hipocrisia das personagens.

Texto para as questões 06 a 08**Mãe galinha**

Tente uniformizar o design dos aviões sem ouvir os comandantes, os controladores de voo, os engenheiros, o pessoal de terra, os meteorologistas e as aeromoças. As turbinas acabarão no lugar das rodas e as asas sairão do nariz do avião, como bigodes. Foi o que aconteceu à língua portuguesa com o "Acordo" Ortográfico imposto pelo Brasil e, até hoje, não aceito nem assimilado por Portugal.

Há dias, o ministro da Cultura, Juca Ferreira, admitiu que "talvez tenhamos errado no processo de normatização, que teve um caráter tecnicista e não envolveu os criadores de todos os países". Exatamente: esqueceram-se de combinar conosco, que lidamos com a língua nas escolas, nos livros, nos jornais e na publicidade. Sem necessidade, baniram grafias seculares de Portugal, assim como o hífen, o trema e os acentos diferenciais. (...) De que adianta o "acordo" criar uma escrita comum se as pronúncias continuam diferentes, além da particularidade de milhares de conteúdos? No Brasil, uma mãe que se orgulha dos filhos e os protege é uma mãe coruja. Em Portugal, é uma mãe galinha. Vá dizer aos portugueses que eles deveriam mudar isso. (...)

A magia da língua portuguesa é a de que, não importa a variedade de grafias ou pronúncias, ela é sempre compreensível para os que a falam e leem, sejam portugueses, brasileiros ou africanos. "A língua é viva, e temos a vida inteira para aperfeiçoar o Acordo Ortográfico", disse o ministro. Eu não tenho. Por isso, não aderi a ele. Continuo escrevendo *lingüiça* e, se quiserem, me corrijam.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2015/08/1675694-mae-galinha.shtml>. Acesso em 16/04/2016. (Adaptado)

■QUESTÃO 06

Em seu texto, Ruy Castro expõe sua avaliação pessoal sobre o Novo Acordo Ortográfico. Das afirmações a seguir, a que apresenta ideia compatível com a argumentação do autor é:

- (a) A prescrição das regras pelos legisladores não levou em conta a opinião técnica.
- (b) O aperfeiçoamento do Acordo Ortográfico vai contemplar a revisão dos acentos diferenciais e do trema.
- (c) A reforma ortográfica tem o objetivo de simplificar a comunicação entre países lusófonos.
- (d) A implantação das regras do recente acordo ortográfico provocou um impasse diplomático entre Brasil e Portugal.
- (e) A padronização ortográfica não unifica o idioma, visto que diversidades regionais continuarão existindo.

■QUESTÃO 07

Em "... para os que a falam", os termos em destaque exercem, respectivamente, a função sintática de

- (a) objeto direto em ambas as ocorrências.
- (b) objeto direto e sujeito.
- (c) adjunto adnominal e sujeito.
- (d) sujeito e adjunto adnominal.
- (e) sujeito e objeto direto.

■QUESTÃO 08

Embora o autor afirme, no último parágrafo, não ter aderido ao Acordo Ortográfico, é possível encontrar, ao longo de seu texto, palavras que sofreram alterações, mas que estão escritas em conformidade com as novas regras. Isso ocorre, por exemplo, em:

- (a) "voo"
- (b) "talvez"
- (c) "hífen"
- (d) "vá"
- (e) "linguiça"

Texto para as questões 09 e 10**Expedição de 5 anos mapeia preparos, ingredientes e personagens pelo Brasil**

À beira do rio Negro, no Amazonas, chega-se de barco a uma comunidade na qual vive Manoel Gomes. Ele colhe mandioca-brava numa pequena roça, faz farinha d'água e enterra bucho de jaraqui, um peixe popular na região, para adubar a terra.

Manuel Bandeira, o poeta, diria que o ribeirinho fala a "língua errada do povo" – o povo que fala "gostoso o português do Brasil". Pois ele mistura banha de cobra com raiz de açai para lhe servir de cura quando o "corpo rói".

Em outra população remota, em Mangue Seco (BA), uma senhora canta para atrair aratus, aqueles caranguejinhos típicos dos manguezais, que se prestam a preparos como a moqueca enrolada na folha de bananeira, como faria dona Flor, a cozinheira da ficção de Jorge Amado.

Também no mangue, mas dessa vez na Ilha do Marajó, no Pará, dois meninos "parrudinhos", nas palavras de Adriana Benevenuto, a produtora da expedição, entram descalços naquela área lodosa para alcançar um tronco no qual se alojam os turus. Trata-se de moluscos à semelhança de minhocas, degustados com limão e sal e só.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/comida/2016/03/1755173-expedicao-de-5-anos-mapeia-preparos-ingredientes-e-personagens-pelo-brasil.shtml>. Acesso em 02/04/2016.

■ QUESTÃO 09

Na reportagem, as referências literárias usadas para relatar o mapeamento realizado pela expedição destacam a

- (a) influência da cultura acadêmica nos hábitos alimentares.
- (b) heterogeneidade na constituição da identidade nacional.
- (c) supremacia da cultura popular na gastronomia brasileira.
- (d) natureza caricatural dos habitantes dos grotões do país.
- (e) excentricidade de sabores desconhecidos por estrangeiros.

■ QUESTÃO 10

Sobre os diminutivos "caranguejinhos" e "parrudinhos", presentes no texto, é correto afirmar que eles

- (a) remetem à ideia de compaixão.
- (b) indicam marcas de regionalismo.
- (c) revelam indícios de afetividade.
- (d) manifestam um sentido místico.
- (e) desconsideram a noção de tamanho.

Texto para a questão 11**A preguiça de pensar**

Costuma-se dizer que o filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) denunciou o seguinte raciocínio: "Quando estamos doentes, só há duas possibilidades: ou ficamos curados ou continuamos doentes".

Ao pensar dessa maneira, ignoramos a possibilidade de sermos curados em certa medida, mas não completamente, o que não nos impede de ter uma vida saudável.

De acordo com o raciocínio, um diabético, por exemplo, será sempre um doente, mesmo se sua vida for perfeitamente saudável tomando insulina.

Leibniz dizia que, por trás desse pensamento, há um fatalismo, ou seja, uma crença de que o futuro é sempre determinado, sem que as pessoas possam interferir nas determinações e relativizá-las.

Um raciocínio parecido com esse é o que diz: "Ou você é meu amigo ou é meu inimigo". Não se leva em conta a possibilidade de que alguém não seja nosso amigo, mas também não seja nosso inimigo. É uma espécie de "raciocínio à George Bush", ex-presidente norte-americano que gostava de tomar por inimigos quem não venerasse o american way of life (estilo de vida americano).

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Carta Capital** (03/10/2014) Disponível em: <http://www.cartaeduacao.com.br/artigo/a-preguica-%E2%80%A8de-pensar/>. Acesso em 21.04.16.

■ QUESTÃO 11

Por meio das ilustrações exploradas, o autor do texto "A preguiça de pensar" chama a atenção para o perigo de posicionamentos.

- (a) preconceituosos.
- (b) duvidosos.
- (c) maniqueístas.
- (d) relativistas.
- (e) conservadores.

Texto para a questão 12

Lá vem você
 E a pergunta fatal
 Como encontrar
 A palavra ideal
 Uso palavras picadas no som
 Palavras magoadas de tantas paixões
 Palavras idiotas e alguns palavrões
 Guardo as palavras em grãos
 Pego uma boa porção
 Dessas que cabem na mão
 Vejo que os grãos fazem trilha
 São sílabas mínimas
 Todas em fila
 Em dúvida pura
 Não sabem se vão ou se não
 Pego uma outra porção
 Grãos que se espalham no chão
 Surgem palavras cifradas
 Normais ou mudadas
 Nascidas do nada
 Mas bem animadas
 Querendo ser mais do que são
 São as palavras que vão

Caem na vida
 E vão se virar
 Prosa ou poesia
 O que despontar
 Fogem de mim
 Fogem de nós
 De tudo que era seu
 Vão assustar
 Vão seduzir
 Vão surpreender
 O mundo, você e eu

TATIT, Luiz. "Palavras e sonhos". Disponível em: <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=205/Palavras-e-Sonhos.html> Acesso em 21.04.16

■ QUESTÃO 12

O caráter metalinguístico dos versos se justifica porque, por meio deles, o eu lírico

- (a) responde a um questionamento que lhe foi dirigido.
- (b) revela que compõe por meio de rigoroso trabalho de escolha de termos cultos e poéticos.
- (c) expõe o quanto usa sua obra para revelar paixões e mágoas para o seu interlocutor.
- (d) reflete sobre a dificuldade inerente a toda atividade de criação.
- (e) reflete sobre sua criação artística, a qual atinge um patamar inesperado até mesmo para o criador.

Texto para a questão 13

(...) Quanto ao outro original, aquela história de um casamento malsucedido, Dom Casmurro, detectamos um problema na trama: afinal, Capitu traiu ou não o marido? Isso não fica claro. Talvez fosse preciso reescrever o texto adotando outro ponto de vista que não o de Bentinho, parte interessada em nos fazer crer ter sido ele vítima de adultério. E se a narradora fosse a prima Justina, que "dizia francamente a Pedro o mal que pensava de Paulo, e a Paulo o que pensava de Pedro?" Parece-nos uma voz mais isenta, capaz de narrar os acontecimentos com a distância que o enredo exige.

BENDER, Maria Emília. "Se nos permite uma sugestão". In: *Piauí* 115 Abril, p. 60.

■ QUESTÃO 13

No texto, de caráter humorístico e ficcional, simula-se a possível reação de um editor ao avaliar os originais de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O conselho dado por ele para o escritor realista revela

- (a) a falta de conhecimento sobre a obra, visto que o romance é narrado em 3ª pessoa.
- (b) a insensibilidade de perceber que, ainda que o relato se apresente em 1ª pessoa, garante-se a isenção necessária.
- (c) a ingenuidade com que a obra foi lida, visto que, ainda que de modo implícito, a certeza sobre o adultério é dada.
- (d) a falta de percepção para a reflexão proposta na obra: a impossibilidade de se conhecer o outro por completo.
- (e) o desconhecimento de que as digressões tão frequentes na obra constituem recurso para garantir o distanciamento em relação aos fatos narrados.

Texto para a questão 14

Cuidado com aqueles cujos bolsos estão cheios de esprit – de inteligência aguda – e que espalham essa sagacidade em todas as oportunidades, em todo lugar. Eles não têm nenhum demônio dentro de si, não são soturnos, ou sombrios, ou melancólicos, ou silenciosos. Nunca são desajeitados ou tolos. A cotovia, o tentilhão, o pintarroxo, o canário, estes piam e gorjeiam o dia todo; ao pôr do sol, repousam a cabeça debaixo da asa, e, pronto!, já estão dormindo. É então que o gênio torna sua lâmpada e a acende. E essa negra ave, solitária e selvagem, essa criatura indomável, com sua sombria e melancólica plumagem, abre a garganta e começa a cantar, faz ressoar os bosques e quebra o silêncio e as trevas da noite.

DIDEROT, Denis. “Salão de 1765”. In: BERLIN, I. **As raízes do Romantismo**. São Paulo, Três Estrelas, 2015, p. 89.

■ QUESTÃO 14

No fragmento, o filósofo francês Diderot já reconhecia em artistas de seu tempo algumas características presentes na estética da primeira metade do século XIX, como

- (a) a atração pelo mórbido.
- (b) o culto à natureza local.
- (c) a ausência de subjetividade.
- (d) o autoritarismo do gênio.
- (e) o caráter místico.

Texto para as questões 15 e 16

(...) se a democracia [no Brasil] se consolida e caminha para a frente, a República ainda lembra um esboço que não alcançou forma. República não é apenas um regime determinado de governo; ela remete à significação de “coisa pública”. O que pertence ao povo, o que se refere ao domínio público, o que é de interesse comum e se opõe ao mundo dos assuntos privados. Sua principal virtude é a afirmação do valor da liberdade política, da igualdade dos cidadãos e do direito deles de participar da vida pública. Seu grande inimigo é a corrupção.

A corrupção não é um fenômeno exclusivo do Brasil – ela ocorre na grande maioria dos países. Também entre nós, ela sempre existiu, de um modo ou de outro. Tanto que, com frequência, a corrupção costuma ser associada à própria identidade do brasileiro, como se esse fosse um destino inevitável; quase uma questão endêmica. Segundo essa visão, o Brasil seria forçosa e definitivamente corrupto devido a certas práticas e comportamentos - o “jeitinho”, a malandragem, o político ladrão – que, desde sempre presentes na nossa história, fazem parte de um suposto caráter do brasileiro, o que formaria uma espécie de “cultura de corrupção”. Essa abordagem, além de preconceituosa, naturaliza a corrupção no país, simplifica e congela sua compreensão, assim como impede o combate a um fenômeno de alta complexidade – além de desvalorizar as atitudes e os movimentos de opinião pública que expressam a revolta dos brasileiros contra essa prática.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 503-504.

■ QUESTÃO 15

De acordo com o texto, a República, no Brasil, “ainda lembra um esboço”, porque

- (a) ela depende de uma democracia consolidada.
- (b) o conceito não foi até hoje colocado em prática.
- (c) é uma utopia tanto no Brasil como em outros países.
- (d) a consciência de respeito à coisa pública é pouco desenvolvida.
- (e) a corrupção no cotidiano dos brasileiros é endêmica.

■ QUESTÃO 16

Aqueles que consideram a corrupção um traço de caráter do brasileiro baseiam sua análise em uma perspectiva

- (a) determinista.
- (b) positivista.
- (c) psicológica.
- (d) filosófica.
- (e) humanista.

Texto para as questões 17 e 18

No romance Admirável Mundo Novo, publicado em 1932, Aldous Huxley imaginou um mundo dominado pela eugenia, onde as emoções são proibidas e onde é preciso usar um fármaco para obter prazer, ainda que momentâneo. (...)

Em 1984, que George Orwell escreveu em 1948, o protagonista vive em um país totalitário sob vigilância das autoridades, onde os sentimentos também não são permitidos. (...)

Ray Bradbury construiu seu Fahrenheit 451 em 1953 a partir da ideia de uma sociedade em que os livros são proibidos pelo Estado para impedir que seus cidadãos pensem de maneira autônoma. (...) Segundo Bradbury, seu romance não é, porém, uma denúncia à censura, mas contra a televisão, por roubar leitores dos livros.

Estes três clássicos da ficção científica trazem previsões que de certa forma se concretizaram. A principal delas: em nosso mundo, o pensamento crítico é malvisto. Somos condicionados a aceitar tudo que a sociedade de consumo nos empurra goela abaixo e, quando nos rebelamos contra isso, somos tratados como idiotas, e não o contrário. Temos de aceitar bovinamente, por exemplo, que a indústria farmacêutica, o agronegócio e os meios de comunicação são os donos da verdade absoluta sobre nossa saúde, sobre o que comemos e sobre o noticiário.

Mas o que estes autores não foram capazes de prever é ainda mais assustador: um mundo paralelo, uma terceira dimensão onde passamos a maior parte dos nossos dias atualmente. Um mundo onde, em vez de nos relacionarmos com outros seres humanos de carne e osso, preferimos a versão digitalizada deles. As redes sociais são a perfeita concretização do termo “distopia”: o mundo de fantasia tomou o lugar da realidade.

(...)

Uma pesquisa recente da Universidade de Harvard mostrou que nosso cérebro produz quantidades similares de dopamina ao fazer sexo, comer ou ter uma postagem comentada, curtida e compartilhada numa rede social, o que comprova seu potencial aditivo. Já há inclusive uma nomenclatura para o “medo” das pessoas de ficar sem o celular: nomofobia.

O futuro que se avizinha com as redes sociais de um modo geral, no entanto, não é nada alentador. Um mundo onde as pessoas se encontram cada vez menos com seus entes queridos e cada vez mais trocam com eles frias mensagens instantâneas pelo telefone ou pelo computador. E aí talvez chegue um tempo em que se realize a profecia comum aos três clássicos que citei neste artigo: um mundo onde os sentimentos, o abraço, o toque, o olho no olho, sejam menos e menos valorizados.

MENEZES, Cynara. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/colunistas/191-cynara-menezes/5305-cynara-menezes-admiravel-distopia-nova>
Acesso em: 26/04/2016

■ QUESTÃO 17

Para desenvolver sua argumentação sobre os rumos tomados pela sociedade, a colunista

- (a) explora a distância entre o mundo da ficção e a realidade, concluindo que a sociedade é imprevisível.
- (b) parte do universo ficcional para destacar que a realidade desenvolveu uma fantasia ainda pior.
- (c) destaca que as piores previsões feitas na literatura se mostraram ingênuas diante do que se tornou a sociedade.
- (d) estabelece um paralelo entre ficção e realidade, confirmando que esta não conseguiu ser mais criativa do que aquela.
- (e) parte de obras literárias em que a tecnologia se mostrou inimiga do homem, tal como ocorre na realidade atual.

■ QUESTÃO 18

No último parágrafo, o termo “alentador” significa

- (a) desanimador.
- (b) demorado.
- (c) inesperado.
- (d) encorajador.
- (e) confortável.

■ QUESTÃO 19

a fuga

*mal sabia o Rei fujão
que o degredo o levaria
a fundar uma nação
– e a arruinar sua eugenia.*

GUTILLA, Rodolfo W. *Ai! Que preguiça!...* O Brasil em 39 poemas fabulosos & alegóricos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 23

Os versos ilustram a concisão inerente ao gênero poético, porque sintetizam

- (a) o enredo de um romance histórico.
- (b) o processo de descobrimento do Brasil.
- (c) fatos históricos que vinculam metrópole e colônia.
- (d) as origens do povo brasileiro.
- (e) a base de qualquer conto de fadas.

Texto para as questões 20 e 21

*Não vira em minha vida a formosura,
Ouvia falar nela cada dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura:*

*Ontem a vi por minha desventura
Na cara, no bom ar, na galhardia
De uma mulher, que em Anjo se mentia:
De um Sol, que se trajava em criatura:*

*Matem-me, disse eu vendo abraçar-me,
Se esta a cousa não é, que encarecer-me
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me:*

*Olhos meus, disse então por defender-me,
Se a beleza heis de ver para matar-me,
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me.*

MATOS, Gregório. Disponível em <http://bibliotecamunicipalmurilomendes.blogspot.com.br/2009/04/gregorio-de-matos.html> Acesso em 30 abr. 2016.

■ QUESTÃO 20

No soneto, explicita-se a reação do eu lírico à beleza de uma mulher. Tal reação ilustra a influência que exerceu, sobre a arte do século XVII, a ideologia

- (a) iluminista.
- (b) contrarreformista.
- (c) mercantilista.
- (d) cientificista.
- (e) renascentista.

■ QUESTÃO 21

Uma das características estilísticas do poema é a valorização de aspectos sensoriais. No texto, tal valorização pode ser identificada por meio

- (a) dos elogios à beleza da mulher contemplada.
- (b) da associação entre mulher e imagens bucólicas.
- (c) do desejo do eu lírico de encontrar alívio na morte.
- (d) da curiosidade do eu lírico diante de comentários sobre uma mulher.
- (e) da seleção de vocábulos relacionados a audição, tato e visão.

Texto para a questão 22



Disponível em: <www.malvados.com.br>. Acesso em 27.04.16.

■ QUESTÃO 22

A crítica do texto atinge, principalmente,

- (a) a liberdade de expressão das sociedades democráticas.
- (b) a pouca profundidade dos debates políticos no século XIX.
- (c) a tendência moderna de ler resumos, e não obras completas.
- (d) as opiniões antiquadas que são encontradas na internet.
- (e) a preocupação excessiva com a tecnologia no século XXI.

Texto para as questões 23 e 24

Talvez algum dia, nas próximas décadas, você esbarre nessa crônica, pela internet. Talvez uma tia comente, "lembro de um texto que o teu pai te escreveu quando você era bebê, era sobre uma praça, acho, cê já leu?" Talvez eu mesmo te mostre, na adolescência, vai saber?

Essa crônica é sobre uma praça, sim, sobre uma tarde que a gente passou na praça, no dia 5 de abril de 2016 (ontem). Não é nenhuma história extraordinária a que vou te contar. É uma história simples, feita de elementos simples como é feita a maior parte da vida da gente, esses 99% de que a gente desdenha, sempre esperando por acontecimentos extraordinários. Mas acontecimentos extraordinários são raros, como a própria palavra "extraordinários" já diz, aí a vida passa e a gente não aproveitou. Pois hoje você me fez aproveitar a vida, Daniel, por isso resolvi te escrever, agradecendo.

PRATA, Antonio. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/04/1759346-carta-pro-daniel.shtml>>. Acesso em 12.04.16.

■ QUESTÃO 23

Essa crônica é escrita numa linguagem informal, o que se percebe

- (a) pela referência precisa à data dos acontecimentos: "5 de abril de 2016".
- (b) pelo uso de vocativos carinhosos, como "a gente", "cê" e "Daniel".
- (c) pela falta de uniformidade de tratamento para se referir a Daniel.
- (d) pelo emprego raro da palavra "extraordinários", o que explica as aspas.
- (e) pela alusão à tia, única personagem que valoriza a norma-padrão.

■ QUESTÃO 24

No texto, o fato de o narrador começar fazendo referência à própria crônica é um exemplo de

- (a) metáfora, o que é muito comum em textos de natureza literária.
- (b) função referencial, pois valoriza a transmissão de uma informação.
- (c) metalinguagem, uma vez que o assunto do texto é o próprio código.
- (d) ironia, figura de linguagem dominante em crônicas jornalísticas.
- (e) função fática, já que seu objetivo é provocar seus interlocutores.

Texto para as questões 25 e 26

*Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses tesouros
Inesgotáveis d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Amá-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogá-la em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!*

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

■ QUESTÃO 25

O uso dos apóstrofos em “qu'olhos” e “Compr'ender” serve para indicar a

- (a) supressão de letras, para evidenciar a uniformidade métrica dos versos.
- (b) maneira como as palavras eram pronunciadas no português arcaico.
- (c) falta de preocupações rítmicas do poeta, que se vale de versos brancos.
- (d) valorização das rimas internas, sem as quais o texto perderia musicalidade.
- (e) elipse fonética, que consiste em acrescentar sons a palavras já existentes.

■ QUESTÃO 26

Considerando o último verso da estrofe transcrita, pode-se afirmar que o amor, para o eu lírico,

- (a) sempre pode levar a um profundo sofrimento.
- (b) só existe quando é plenamente revelado.
- (c) é mais intenso se não é retribuído.
- (d) mistura ousadia e compreensão.
- (e) quando é verdadeiro, pode matar.

Texto para a questão 27

Quem trabalha com roedores em laboratório sabe que colocar no mesmo ambiente animais de ninhadas diferentes costuma não dar certo. Em geral os machos adultos se agridem mutuamente e eliminam os filhotes mais novos, mesmo quando todos, adultos e recém-nascidos, são filhos dos mesmos pais. O comportamento, chamado de infanticídio, é frequente entre ratos e camundongos e, segundo estudo publicado em 2014 na revista Science, é compartilhado com pouco mais de uma centena de espécies de mamíferos – de predadores como ursos e leões a primatas como chimpanzés, babuínos e gorilas. Experimentos feitos pelo biólogo Fabio Papes e sua equipe no Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (IB-Unicamp) começam a desvendar parte do mistério que cerca esse comportamento e a identificar os mecanismos moleculares que, em certas situações, levam os camundongos a cometerem infanticídio.

Disponível em: <<http://revistaspesquisa.fapesp.br/2016/04/19/na-raiz-do-infanticidio-animal/?cat=ciencia>>.
Acesso em 30/04/16.

■ QUESTÃO 27

Segundo o texto, o infanticídio é uma prática

- (a) muito mais comum entre roedores do que entre predadores ou primatas.
- (b) cuja explicação começa a ser dada por pesquisadores brasileiros.
- (c) que ocorre entre animais que não possuem os mesmos pais biológicos.
- (d) menos frequente entre camundongos, como mostra a revista *Science*.
- (e) conhecida por todos que trabalham com mamíferos em laboratório.

Texto para as questões 28 e 29

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Garnier, 1998.

■ QUESTÃO 28

Nessa passagem do romance machadiano, Quincas Borba explica ao amigo Rubião, por meio de uma alegoria, a base da filosofia humanista. Na obra de Machado como um todo, o Humanitismo pode ser visto como uma

- (a) valorização do racionalismo da Escolástica.
- (b) sátira ao discurso cientificista do século XIX.
- (c) crítica à crença de que a morte é libertadora.
- (d) confirmação do “bom selvagem” de Rousseau.
- (e) demonstração da ineficácia das guerras.

■ QUESTÃO 29

A progressão argumentativa do texto demonstra que Quincas Borba vai chegando a várias conclusões, a partir da análise que ele faz da situação fictícia da guerra pelas batatas. Assinale a alternativa que contenha uma passagem que, no texto, funciona explicitamente como conclusão do que foi dito anteriormente.

- (a) “O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida (...).”
- (b) “(...) a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum.”
- (c) “Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos (...).”
- (d) “(...) a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas.”
- (e) “(...) homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e (...) nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói.”

Texto para a questão 30

Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) negaram nesta quinta-feira (14) cinco recursos que questionavam o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff – da validade do relatório de Jovair Arantes aprovado na Comissão Especial da Câmara na segunda-feira (11) à forma como será realizada a votação no plenário da Casa, no domingo (17).

O STF começou a sessão extraordinária analisando uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) pedida pelo PCdoB sobre o rito de votação do processo definido pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). O PCdoB solicitava a adoção da chamada de deputados para votação em ordem alfabética, tal como ocorreu no processo de impeachment de Collor em 1992.

O Plenário decidiu indeferir a liminar por 6 a 4, considerando que a votação intercalada entre deputados, um do Norte e um do Sul, não é inconstitucional. Votaram pelo indeferimento da liminar os ministros Teori Zavascki, Rosa Weber, Luiz Fux, Cármen Lúcia, Gilmar Mendes e Celso de Mello. (...)

Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/stf-nega-liminar-e-mantem-votacao-de-impeachment-da-forma-como-cunha-definiu.html>>. Acesso em 15.04.16.

■ QUESTÃO 30

O fragmento transcrito, embora faça parte de texto jornalístico, utiliza, por causa do assunto tratado, termos técnicos específicos do Direito, como ocorre em

- (a) “a votação no plenário”
- (b) “sessão extraordinária”
- (c) “presidente da Câmara dos Deputados”
- (d) “adoção da chamada de deputados”
- (e) “decidiu indeferir a liminar”

INSTRUÇÕES PARA AS REDAÇÕES:

- a. Serão apresentados a você dois temas para redação.
- b. Faça uma redação para cada tema, ou seja, **você deve fazer as duas redações.**
- c. As redações devem ser duas **dissertações em prosa**, com no máximo 30 linhas.
- d. Não é necessário escrever um título para cada redação, os títulos são dados juntamente com as propostas-tema.
- e. Em cada redação, fuga do tema implica nota zero.
- f. Redações com menos de 10 linhas serão desconsideradas.
- g. As redações podem ser feitas a lápis.
- h. Anotações nas folhas identificadas como “Rascunho da Redação” não serão consideradas.
- i. Somente será considerado o que estiver escrito nas folhas pautadas e com linhas numeradas para as redações.
- j. Escreva suas redações com letra legível.
- k. Não é permitido destacar as folhas de rascunho das redações.

ATENÇÃO:

Você deve finalizar cada texto e passá-lo para a folha de redação até o horário limite da prova (indicado no quadro na frente da sala).

Lembre-se de que você poderá retirar as folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas preenchido.

Tema 1

Considere os excertos a seguir para desenvolver uma **dissertação em prosa**.

O universo midiático muitas vezes interfere nos hábitos das pessoas que nele veem o sinônimo de felicidade. Com isso sempre estão buscando ter e comprar tudo aquilo que veem na mídia.

O consumista compulsivo sempre está infeliz. Quanto mais compra, mais quer comprar. Muitas vezes não tem recursos para tal consumo, o que o deixa irritado e depressivo.

<http://goo.gl/7jvavS>

Consumo e produção responsáveis

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU número 12 diz: “Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis”. As metas incluem reduzir pela metade o desperdício de alimentos per capita mundial; alcançar o manejo ambientalmente saudável dos produtos químicos e todos os resíduos; e reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso; entre outros.

<https://nacoesunidas.org/tema/ods12/>



<http://goo.gl/sN3WDg>

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 1 – Consumo na sociedade moderna: entre a necessidade e a vaidade

Tema/Título 1 - Consumo na sociedade moderna: entre a necessidade e a vaidade

4

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

24

28

Tema 2

Considere os excertos a seguir para desenvolver uma **dissertação em prosa**.



O Estado de S. Paulo, 23/11/2014

Imagine o seu próprio funeral. Como ele será? Quem estará lá? O que as pessoas dirão? Você deve imaginá-lo de sua perspectiva, como se ainda estivesse lá observando os acontecimentos, a partir de um lugar específico, talvez de cima, ou numa cadeira perto de quem sofre sua perda. Ora, algumas pessoas acreditam na forte possibilidade de que, depois da morte, sobrevivemos ao corpo físico como uma espécie de espírito que talvez seja capaz de ver o que acontece neste mundo. Porém, para aqueles de nós que acreditam que a morte é o final, há um verdadeiro problema nisso. Toda vez que tentamos imaginar que não estamos mais neste mundo, nós o fazemos imaginando que estamos lá, observando o que acontece enquanto lá não estamos.

Quer você consiga ou não imaginar sua própria morte, parece bastante natural sentir ao menos um pouco de medo da não existência. Quem não temeria a própria morte? Se há de existir algo que nos deixe aflitos, certamente é a morte. Parece perfeitamente razoável nos preocuparmos em não existir, mesmo que isso venha a acontecer daqui a muitos anos. É algo instintivo. A grande maioria das pessoas já pensou seriamente sobre isso.

WARBURTON, N. *Uma Breve História da Filosofia*. Tradução de Rogério Bertoni. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2012, Cap. 4, ps. 22-27.

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 2 – Perspectivas de vida: viver o agora ou se preparar para o futuro?

Tema/Título 2 - Perspectivas de vida: viver o agora ou se preparar para o futuro?

4

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

24

28

Insper